ANO I — N.º 31 — PREÇO: 1 ESC.
LISBOA, 18 DE DEZEMBRO DE 1941

A HOMENAGEM DE TERNURA E DE VENERAÇÃO A PRESTAR PELAS CRIANÇAS PORTUGUESAS a suas mães, que lhes dão, em sacrifícios e amor, o alimento e o carinho — foi o objectivo da «Semana da Mãe» que, recentemente, se efectuou em todo o País. (Foto do prof. Campos Coelho).

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

O *«Diário de Notícias», órgão oportuno e psicológico, ao dar-nos recentemente a temperatura do dia, afirmava: — Máxima, 4°,6; mínima, 6°,5.*

— Que espantosa gralha! — gritaram logo, esfregando as mãos, certas pessoas inferiormente esclarecidas. — Parece impossível...

Não, meus caros senhores. Não se trata, ao contrário do que muitos julgam, duma gralha descuidada. É assim mesmo. Aquilo que ali está é exacto. Corresponde a uma observação minuciosa e conspíqua. Na verdade, nesta inquietante subversão de valores e de proporções que caracteriza a hora actual, o triunfo pertence ao paradoxo. Como diria o meu amigo Almada Negreiros, a única coisa certa é o inverso daquilo que não está. Eis porque a temperatura máxima é a mínima e a mínima é a máxima. Tudo obedece ao mesmo desígnio apavorante — até a metereologia. O «Diário de Notícias» deu-nos a versão exacta naquele dia memorável. Não houve, por conseqüência, qualquer gralha. Gralhas há-as nos outros dias, em que os ignorantes supõem que tudo está certo...

UM HOMEM ILUSTRE

ALICE Ogando acaba de publicar um volume de sugestivo interêsse: nada mais, nada menos do que um romance. Intitula-se *Eu sou um homem ilustre*. A capa do livro apresenta um homem de casaca — e sem cabeça.

— Mas porque será que êste homem não tem cabeça? — preguntava, uma tarde destas, certa senhora ao marido, defronte da livraria *Guimarães*.

Resposta do marido:

— É porque a perdeu pela autora, com certeza...

BALALAIKA

O redactor do estrangeiro do jornal *Província de Angola* trocou num comunicado a expressão *Balaclava* por *Balalaika*, numa mensagem aos bombardeiros enviada por Churchill.

Eis a prosa tal como saiu naquêle jornal: «A vossa coragem e abnegação nos ataques a Roterdão e outros objectivos estão acima de todo o elogio. Lembram a carga da brigada ligeira. Balalaika! Balalaika!»

Qualquer comentário nos parece inútil.

PRÉMIOS

DIZEM que o prémio Ricardo Malheiros, dado pela Academia das Ciências ao escritor Augusto da Costa não foi, desta vez, um prémio de literatura: foi um prémio de virtude. Na verdade, um prémio dado a umas *Inocentes* não podia ser senão um prémio dêste género.

VENDAVAL

NO dia seguinte à estreia do *Vendaval* certo dramaturgo encontrou um crítico e desfechou-lhe:

— Aquilo no *Nacional* o que foi?

— Foi uma peça. Porquê?

— Peguei há bocado no «Diário de Lisboa» e vi que quem lá foi fazer a crítica foi *El Terrible Perez*... Isto quere dizer...

Logo o crítico:

— Esteve lá, de facto, o Peres — mas não foi o *Terrible*... Basta ver a crítica!

O GRANDE INDUSTRIAL

Como sabem, Jorge Ohnet escreveu, entre muitos outros romances, um que teve, e ainda hoje tem, leitores convictos. Chamava-se o «Grande Industrial». Permito-me plagiar, neste momento, o conhecido romancista francês adoptando o título do seu livro para sintèticamente denominar Alfredo da Silva. De facto, êste homem, quaisquer que sejam os defeitos que lhe apontem, é bem, dentro dos limites da nossa indústria exígua, o grande industrial. A sua actividade é fulgurante. Não pára um segundo nem de espírito, nem de corpo. Enquanto inúmeras pessoas estão à margem, êle consegue o prodígio de estar ao mesmo tempo em duas margens. Permanentemente com um pé no Barreiro e outro na Rocha do Conde de Óbidos, realiza, sôbre o Tejo, uma espécie de ponte humana que êle próprio atravessa sem cessar. À semelhança de Camões que, no dizer de Garrett, tinha numa mão a espada e na outra a pena, Alfredo da Silva segura na mão direita a «Tabaqueira» e assenta a esquerda sôbre o «Eden-Teatro». Gorducho, arredondado, burguês, os óculos na ponta do nariz como um tabelião, a bôlsa replecta de valores como uma autêntica Bôlsa, homem destemido e desassombrado, não hesitando em afirmar o que tantos outros escondem, é, incontestàvelmente, uma figura assinalável. Furando, singrando, espevitando, alvitrando, ganhando, elevou o gerúndio a uma verdadeira potência industrial. Profundamente progressivo — usa um fraque aerodinâmico; antropològicamente sebastianista — vive no alto de Santa Catarina. Do melro — tem o bico amarelo; do papagaio — tem um estaleiro. Produz tudo: óleos, fosfatos, azeites, tabacos, tapetes do Cairo e cebo de grilo. Não é um homem: é uma Associação; não é indivíduo: é uma Assembleia Geral. A sua maior descoberta é, porém, a expressão que criou para sintetizar a sua actividade: Cuf! Êle é exactamente isso: Cuf, Cuf, Cuf...

CHABY

O grande actor Chaby Pinheiro entrou, certa ocasião, numa mercearia e comprou um quilo de queijo. Ao reparar no caixeiro (que era magro como um palito de dentes) não se conteve que não dissesse:

— Muito magro é você!

Logo o rapaz:

— Parece-lhe? Olhe que peso mais quilos que V. Ex.ª.

ESPANHA

DOIS portugueses iam, uma vez, no *Sud* a caminho de Paris. De repente, ouve-se no corredor da carruagem uma voz alvoroçada:

— Já estamos em Espanha!

Então um dos dois portugueses aproximou-se da janela, olhou a paisagem que se desenrolava ao longo da linha, e exclamou para o outro:

— Afinal ainda não estamos em Espanha. Isto é cinzento e no mapa a Espanha vem côr de rosa...

AGUA-FORTE

DEVE sair por êstes dias o novo livro de memórias de Carlos Leal. Chama-se *Agua-forte*.

Ou nos enganamos muito ou teremos uma revolução — em trezentas páginas.

O ECO

UM francês, um português e um espanhol falam dos efeitos do eco nas suas terras. E contam maravilhas.

— Em Nancy — diz o francês — a gente solta um «ai» na praça principal e o eco repete três vezes «ai! ai! ai!»

— Pois em Sintra — diz o português — há um sítio onde a gente diz «ai!» e o eco repete-o sete vezes. Daí, chamar-se a êsse local «Os Seteais».

— Em Sevilha — rematou o espanhol, com orgulho, — há coisa ainda mais famosa que tudo isso. Quando eu passava em frente à Giralda, gritava «ai!» e o eco dizia logo:

«Olá, Paco, vaya usted con Dios!».

DIA DE PEIXE

CASTELO de Morais conheceu um cozinheiro que fazia maravilhosamente arroz com bacalhau. Um dia a dona da casa onde êsse cozinheiro servia, disse-lhe que fizesse no dia seguinte para o almôço o seu saborosíssimo arroz.

— Mas àmanhã é 6.ª feira... Como V. Ex.ª à 6.ª feira não costuma comer carne!

— Então arroz com bacalhau é carne? — inquiriu a senhora, sem compreender bem o que êle queria dizer.

— Lá carne, carne, não é... Mas é que o meu arroz com bacalhau, leva um bom naco de toucinho...

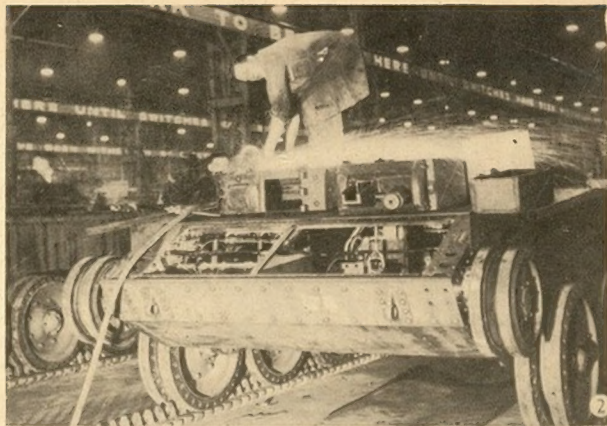
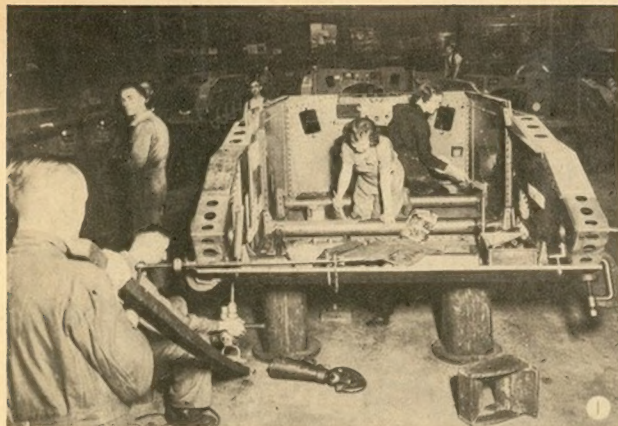
Era o seu segrêdo.

NEURASTÉNICOS

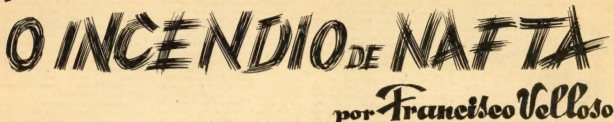
— PORQUE anda tão cismático? — preguntei ontem a João Corrêa de Oliveira, vendo-o com certo ar meditativo.

Respondeu-me:

— É por causa dos cismos...

Luís d'Oliveira Guimarães

QUATRO FASES DA EVOLUÇÃO DUM «TANK» INGLÊS: 1 — A montagem, numa fábrica da Escócia, feita por operárias. 2 — A colocação da «lagarta» com o «tank» colocado já na linha de montagem. 3 — Vista geral duma fábrica em plena laboração. 4 — Um «tank» de 18 toneladas, saído da fábrica, entra em acção.

panorama internacional

O INCÊNDIO DE NAFTA

por Francisco Velloso

Na manhã do dia 7, as duas Casas do Parlamento inglês reüniram-se para escutar uma comunicação do govêrno. Churchill entrou. Numa rajada, as aclamações rebentaram. Estalara a guerra com o Japão e entrava-se numa nova fase da catástrofe. Guerra de continentes. O globo em chamas.

Ao terminar, Churchill proferiu estas palavras:

«As provações a que o Mundo de língua inglêsa e os nossos heróicos aliados russos vão ser submetidos, serão, com certeza, duras, especialmente de início, e serão provàvelmente, longas.

Tivemos no passado uma luz bruxoleante, temos, actualmente, a luz duma labareda; teremos de futuro, uma luz que iluminará tôda a Terra e todo o Mar».

A eloqüência do primeiro homem, do homem símbolo da Inglaterra, proclamava de novo a verdade, apresentada ao Mundo no arco de uma previsão tão vasta como os horizontes duma grande época da História.

O PRIMEIRO LANCE JAPONÊS

ROOSEVELT

Quando começámos a redigir esta crónica, caíam apenas três dias sôbre o 7 de Dezembro em que o Japão atacou sùbitamente os territórios norte americanos do Pacífico. A 8, o Congresso reünido em Washington para ouvir a mensagem de Roosevelt, aclamava e votava uma moção, declarando o estado de guerra com o Império Japonês, por 388 votantes contra um — de uma pobre senhora maníaca. O Senado aprovara a pela unanimidade de 82 votos.

Ao mesmo tempo, o Parlamento inglês, depois do discurso de Churchill, ratificou a declaração de guerra, feita já pelo gabinete dentro daquele prazo prefixo de uma hora que o primeiro ministro havia prometido ao presidente norte americano, — escrupuloso cumprimento da palavra britânica.

Durante êstes três dias, o mundo assistiu a um espectáculo inaudito. O Japão derramou a esquadra e a aviação em grupos diversos que, executando «raids» audaciosíssimos quando os adversários afinavam e apuravam preparativos, surgiram a bombardear as mais importantes bases navais norte-americanas, a assaltar o Sião que lhe abriu as portas, a desembarcar na península de Malaca pondo alarmes em Singapura, a forçar uma das principais ilhas das Filipinas, a canhonear as Aleutinas no território setentrional do Alaska, a atacar Hong-Kong.

Na confusão entrechocante das notícias, ninguém até hoje sabe onde param ou paravam as esquadras e a aviação norte-americana e inglêsa, e em boa verdade, só foi assinalada a presença da primeira quando o Almirantado britânico anunciou o afundamento ao largo de Malaca de duas das mais perfeitas e poderosas unidades da Armada Real, o couraçado «Príncipe de Galles» e o cruzador «Repulse», acontecimento que feriu profundamente a pátria de Nelson. O presidente Roosevelt, pouco depois, chegava a prevenir a nação de que é admissível que os japoneses se apoderem de posições e possessões norte-americanas no Pacífico. A desorientação nos espíritos foi geral. Era provado que o Japão colhera o inimigo de improviso e desprevenido. Os Estados Unidos não puderam afrontar o arranco nipónico, por meio de contra-golpe duro e repentino. sòmente, entre aquele pavoroso estrondo se ouviu firme a ordem do dia do vice-marechal do Ar inglês Poupham e do almirante Layton, comandantes das bases do Oriente, afirmando: «Estamos prontos e temos confiança. As nossas defesas são fortes e as nossas armas eficazes. Fomos amplamente prevenidos». Mas não o estavam. Êsse documento é do dia 8. No dia 10, a Inglaterra perdia aqueles dois magníficos navios de guerra, e nem a esquadra nem a aviação podiam impedir os desembarques japoneses na península de Malaca. As famosas promessas da conferência dos altos comandos em Manilha, não operavam.

Os técnicos militares joeirarão êstes sucessos pelos crivos dos seus comentários críticos. Houve, sem dúvida, depois disso, como dissemos, um começo de reacção, e os japoneses já estão pagando algo caro em algumas das suas poderosas unidades navais afundadas, as primeiras audácias. Mas nem por isso os factos perderam um ápice da sua crua realidade. Êles têm uma explicação. A mesma que esclarece a crise tremenda que emperrou a máquina enorme da colisão aliada diante da batalha da Rússia, e a que Churchill, a despeito da sua «crânerie» admirável, se referiu há dias ao confessar que em matéria de produção e preparação de guerra a Alemanha estava já no quarto ano, a Inglaterra entrava no terceiro e os Estados Unidos vinham só no segundo.

UM ÊRRO DE IMPREVISÃO

DENTZ

Na vida individual como na política e na económica, os erros de imprevisão são no comum os de mais alto e pesado preço.

Ora, quando se examina um mapa do vasto campo do Pacífico no Extremo Oriente, em referência à posição que nêle ocupa o Japão (não falando na sua consabida dependência dos mercados exteriores de fornecimentos, sobretudo em matérias primas cuja carência êle não tardará a sentir) verifica-se que ali, nação alguma se encontra em mais deficientes condições de defesa.

Pelo norte, a península de Alaska aponta-lhe, mais a Rússia das extremas siberianas, duas pistolas ao peito, muito mais do que, no dizer de Napoleão, Antuérpia o faz à costa inglêsa. Tem o nipão de defrontar-se ainda com o problema, para êle insolúvel, da guerra na China. E até aos Estreitos de Malaca e até ao arquipélago malaio da Holanda, não tinha grandes bases utilizáveis para o sul da ilha Formosa. Lògicamente, e de acôrdo e ajudado por Berlim, obteve de mãos abertas tôdas as posições da Indochina francesa, numa capitulação mais vergonhosa que a de Dentz na Síria. E desde então, dispondo das formidáveis bases de Saigão e Cam-Rah Bay o Japão ficou descansado o grupo fortificado das Felipinas americanas e da base inglêsa cujo centro é Singapura.

Como procedeu Londres, diante dum perigo desta ordem? Que fêz Washington, com o inimigo a mirar-lhe para as janelas? As complacências inexplicáveis do Foreign Office e do Gabinete de Guerra londrino para com a política (germanófila como não pode deixar de ser) de Darlan e Laval — de que o próprio general De Gaulle chegou a ressentir-se, tratado com os seus amigos como simples facção de partidários exilados—amarraram a Inglaterra de pés e mãos. Deixou passar. O representante de Roosevelt em Vichy, o almirante Leahy, olhou para o caso como se nada fôsse. Não se andou além de comentários verbosos. Não houve sequer esbôço de reacções prontas e frutuosas como na Síria, no Iraque e no Irão, que salvaram à Inglaterra os acessos da Índia pela ponta duma unha.

E no entanto, o Japão adquiria ali de graça 89 campos de aviação, 11 estações de rádio e campos de aterragem que durante um ano pôde aperfeiçoar. O general Decoux deu lhes tudo. E Londres nem sequer atentou em dezenas de oficiais e centenas de soldados franceses que preferiram não se acurvar à entrega e saíram de roldão, desamparados, pelas fronteiras, para Malaca e para as Índias Holandesas. Eis o primeiro êrro. A perda da Indochina foi desde início para a Inglaterra uma ferida incurável.

OUTRO ÊRRO

DARLAN

Segundo êrro houve, porém, que não foi de menor monta. Por detrás da Indochina e convizinhando a fronteira da China, da Birmânia e de Malaca, estende-se o país siamês. É um Estado-tampão. O Japão não pode atingir a estrada da Birmânia — veio dos abastecimentos a Chan-Kai-Chek — nem os Estreitos de Malaca, sem passar por lá.

Por meio de tratados e com a mediação de Tóquio e as vontades flácidas de Vichy, começou o japonês por conseguir o desaparecimento de atritos existentes entre o Sião e a Indochina, e dêste modo, obrigando a França de Vichy a devolver a Bangkok a parte da Indochina ocidental que ela lhe arrancara à fôrça, trouxe o Sião para a sua órbita. Quando, por meses e meses, o govêrno siamês rejeitava uma por uma as ofertas de auxílio que de Londres lhe chegavam, fazia evidentemente o jôgo asiático de Tóquio. Êsse jôgo já resultou numa aliança ofensiva e defensiva. Neste tabuleiro, o Japão impedia assim que as bases siamesas, com 10 aeródromos e 8 bases de hidroaviões, fôssem utilizadas premunitòriamente pelos inglêses.

Em Agôsto, preguntava-se em Nova Iorque: — Devem os Estados Unidos e a Inglaterra intervir no Sião? O vice-almirante Stirling esclarecia: «Segundo tôdas as regras de estratégia a Tailândia ficará em sossêgo, até que o Japão haja o tempo suficiente para se fixar na Indochina». O aviso ficou letra morta. Quando os japoneses surgiram às fronteiras, o Sião rasgou-as de par em par. Desde então os desembarques em Malaca contra Singapura (o istmo é por metade siamês) foram fáceis. O êrro da Inglaterra repetiu-se. A lição da Síria e do Irão de nada servira.

Isto e a falta de esquadras e bombardeiros concentrados nas Felipinas explicam esta primeira fase da imensa batalha e o bom êxito do desembaraço nipónico. Mas veio, porventura, imediata a resposta? O exército de Chan-Kai-Chek no Yunan começa apenas a mover-se para reconquistar Cantão e salvar Hong-Kong, e no entanto o seu caminho útil é para uma invasão na fronteira indochinêsa. Uma notícia de bombardeamento a Tóquio, a Kobe e à Formosa pelos americanos era atoarda sem base. De Alaska, onde há longo tempo, os americanos, sob o comando do major-general Muckner, um descendente de Simão Bolivar, acumulam fôrças, nada desceu contra o Japão. As tropas russas, que têm um excelente chefe no marechal Blucher, não repontaram ainda. A cartada continúa, pois, a ser japonesa. E quando se lê nos jornais ex-isolacionistas de Hearts, que os Estados Unidos «vão puxar o nariz ao Japão», não sabemos se é lícita tal basófia com um inimigo vencedor e que ainda há-de causar largos estragos — para mais da parte de quem fêz tudo, em ataques à política e até à pessoa de Roosevelt, para impedir o armamento da nação e para forçá-la a um retardamento que afinal vai custar mais anos de guerra e muitas centenas de milhar de vítimas inocentes.

ENCRUZILHADA FATAL

Se êste é o panorama geral da batalha que começa, o da política internacional é diferente, mas dá ânças à nação atacante.

É certo que, ao silvo da rija fustigação que a chicotada japonesa

lhe fêz zoar aos ouvidos, o mesmo americano que recuava de braços estendidos e mãos espalmadas, quando lhe falavam no perigo que para êle constitue a evolução actual da guerra na Europa abandonou a resistência passiva e activa em que se aferrolhava, e assentiu por unanimidade quási total em que há realmente uma ameaça de morte no Oriente ...e talvez na Europa. Tôdas as guerras têm facultado sobretudo grandes negócios nos Estados Unidos, incluindo a de Cuba. Esta exige sangue, suor e lágrimas. E o americano gosta do «box» e outros espectáculos brutalíssimos de luta, mas não gosta daquilo. Daqui a luta de Roosevelt contra os egoísmos de opinião. Daqui o retardamento aflitivo da produção norte-americana que um povo vivaz, enérgico, bravo e sem o culto dos formalismos constitucionais apanhou de través.

RAEDER

Roosevelt dizia há dias que era preciso chegar ao fim com uma vitória que impedisse o Japão de repetir o seu gesto de agora. Mas a guerra não é só com o Japão. Tóquio manobrou e bem, de acôrdo com Berlim. Sòmente resta saber se por interêsse próprio não precipitou a oportunidade em relação ao interêsse alemão, quando a batalha da Rússia finda com o inimigo nos calcanhares sem vitória alemã e com o recuo e o regresso das fôrças da ofensiva para posições iniciais muito à retaguarda — para quartéis de inverno, segundo diz o comunicado respectivo de Berlim.

A Alemanha não manifestou logo de início a sua solidariedade no ataque nipónico.

Esta ponderada atitude inicial de Berlim compreendia-se e explica-se. Declarar guerra aos Estados Unidos não seria reforçar a unidadade nacional que parece feita sob a agressão japonesa, e, mais ainda, fornecer às três Américas o fundamento para pôr em acção o compromisso da Conferência de Havana que estabelece a solidariedade das respectivas nações? Mesmo defensiva, essa solidariedade implica o bloqueio das exportações que ainda seguiam para os países do «Eixo». Getúlio Vargas deixou-o entrever há dias, por forma suficientemente clara.

Doutra parte, a Alemanha (se acaso não escolhesse o momento para uma nova ofensiva de paz) ao declarar guerra aos Estados Unidos faria sentir a êstes o que isso custa. Raeder tem ainda a vogar cêrca de 150 a 200 submarinos, segundo as melhores informações. Não é difícil supor que bombardeiros alemães possam aparecer sôbre Nova Iorque ou Boston e os japonêses sôbre cidades da costa do Pacífico. A questão de uma ofensiva a valer volta a oprimir tôda a política dos Aliados. Os retardamentos norte-americanos consenti-la-ão? A Rússia salvou-lhes a causa durante seis meses. Mas a guerra do Pacífico e as prespectivas do agravamento da situação no Atlântico — pois já se reconhece a eventual diminuïção do serviço de guarda aos combóios de transportes pela marinha de guerra norte-americana — reavivam agora o problema crucial da guerra, desde que a Alemanha e a Itália passassem a entrar a fundo contra os Estados Unidos, já apostados contra elas.

O LIBELO DE HITLER

HITLER

Ora, dia 12, a Alemanha e a Itália, declaravam guerra aos Estados Unidos, acto que êstes logo contra êles repetiram, em contra bala. Simultâneamente foi feita a transformação do Pacto Tríplice com o Japão numa aliança de guerra. Fechou-se, pois, o circuito.

Adolfo Hitler proferiu na Ópera-Krol de Berlim, diante do Reichstag, o discurso já anunciado. O chefe supremo e criador do Terceiro Reich não fêz pròpriamente uma oração de carácter político. Formulou um libelo. A parte que neste introdutòriamente se refere a tentames de paz anteriores e à guerra na Líbia é quási perfuntória e incidental, segundo o extenso texto publicado. A parte que, a seguir àquela respeita à Campanha de Leste que terminou perante a inulta ofensiva geral da Alemanha, pode considerar-se simples cortinado de cobertura, sem novidade e para uso interno.

Mas o libelo é das melhores peças que Hitler como orador e a Wilhelmstrasse como laboratório diplomático têm produzido. Revirando as posições iniciais, o «Führer» encabeça em Roosevelt, a quem dirige epítetos de rara violência (um dos mais brandos dos quais é o de doente mental) não só a responsabilidade da extensão da guerra, mas a ambição de pretender à ditadura universal. Invade o domínio da crítica da política interna norte-americana para atacar a própria obra administrativa do presidente, em termos de o acusar de fraude digna de banco dos réus. E fàcilmente deduz a série realmente longa de factos que assás comprovam a hostilidade, aliás consabidísima, de Roosevelt, aos Estados chamados autoritários da Europa, para estabelecer a premeditação precípua e concluir pela declaração de guerra.

Mussolini, na praça romana de Veneza, falou aos «fascios».

Nunca talvez, como nesse documento de Adolfo Hitler, aparece a distanciação dos pontos de vista de dois regimes, dois governos e dois homens, a colisão de duas ideologias. Hitler só de raspão alude a ela e compreende-se porquê, visto que no terreno de facto é sua a vantagem da argumentação objectiva. Roosevelt jamais escondeu, mesmo antes da guerra, a sua apostada inimizade ao totalitarismo. Ela orientou incansàvelmente a sua acção. Por conseqüência, é na origem ideológica dos actos do presidente, e não nestes, que deve procurar-se o móbil das suas atitudes.

O debate entre Roosevelt e Hitler sôbre a causa da declaração de guerra trava-se, portanto, em planos sobrepostos e diferentes: — o presidente invocando princípios e doutrinas anti-totalitárias; o condutor alemão invocando agravos de facto.

Que vai Hitler fazer? O general von Bock foi substituído diante da capital czarista por von List, chamado à pressa do comando do exército do sudoeste nos Balcãs. Von Kleist vai por igual caminho.

O resultado da primeira troca de granadas verbais, encerra-o ainda a guerra em seu bojo. Mas não cabe dúvida de que esta sua fase vai ser necessàriamente longa e dura *para todo o Mundo*, como disse Churchill e como Hitler sabe, tão bem como o seu grande rival.

HORA DIFÍCIL

TIMOCHENCO

A primeira conseqüência dêste estado de coisas vira ferir todo o comércio inter-comércio intercontinental e agravar ao máximo o bloqueio dos povos, remetidos de facto a produzir e poupar. As crises financeiras poderão sobrevir. O Mundo lançou se num pélago caótico, como um paraquedista a uma massa opaca de cerradas nuvens que o impedem ver onde pode ir caír.

O efeito do acontecimento na ordem político-militar da guerra, é por igual gravíssimo.

O Japão não pode contar senão consigo mesmo na sustentação da batalha do Pacífico. A Alemanha tem de agüentar a perigosíssima reacção já em marcha dos russos de Timochenco que não a deixarão descansar durante êste inverno. Desta vez o General Inverno não se limita a tiroteios esparsos e ao repouso forçado nos aquartelamentos da estação mas vai até à perseguição afincada de um inimigo em franca retirada cujo termo está longe, depois da libertação surpreendente de Moscovo, de Rostov e talvez da Crimeia, Hitler tem, como aliás está fazendo de acudir na Líbia com aviação a Rommel que retira em relativa ordem para as novas posições a léste na Cirenaica depois de bater o arranco de Cunningham, que teve de ser substituído pelo major general Neil Metuen Ritchie, um chefe feliz de 44 anos.

Os aliados, mormente depois da grave perda dos dois navios inglêses, encontram-se — apesar de os nipões já sofrerem o pêso da resaca violenta dos americanos no mar com a perda de grandes unidades e nos assaltos a Malaca e às Filipinas — na crise de desfalque que Churchil assim descreveu no seu discurso aos Comuns no dia 11, já depois do atrás citado:

«Temos ainda que atravessar um período muito duro — acrescentou — sendo necessário que todos contribuam com um novo impulso veemente. Temos que cumprir escrupulosamente os nossos compromissos de fornecimento para com a Rússia, e esperamos que, pelo menos durante os meses mais próximos, o volume de fornecimentos norte-americanos que chegam à Grã-Gretanha, e o grau de auxílio prestado pela Marinha de Guerra dos Estados Unidos sejam diminuídos. A brecha tem que ser preenchida, e só os nossos esforços poderão preenchê-la.»

É êste o nó do seu problema e da sua crise. Aquando da quebra norte americana no auxílio à Rússia, foi a Inglaterra que supriu êsse auxílio com cêrca de um têrço do que possuía, girando naqueles *dias sombrios* de que Churchill falou. E a Rússia salvou se.

Agora só a produção dia e noite e febril na Inglaterra e na América pode tapar aquela brecha na muralha aliada e sem perda de tempo, porque a guerra no mar e no ar deve ganhar uma extensão e agudeza não conhecidas.

O S. O. S.

CHURCHILL

Há cinto meses, o vice-almirante Stirling cujas informações e previsões têm autoridade, escrevia:

«Tanto os Estados Unidos como a Inglaterra podem vir a defrontar-se con duas situações igualmente sérias num futuro bastante próximo. Uma é no Extremo Oriente onde o Japão, depois de ter ocupada a Indochina, ameaça a Tailândia. Aqui tanto os bens inglêses como os americanos, assim como as matérias primas vitais do sueste asiático, se encontram em perigo. A outra pode provir do facto do govêrno de Vichy entregar à Alemanha o «contrôle» de Dakar e Casa Blanca, bases da África ocidental que dominam muitas rotas comerciais do Atlântico e que podem constituir também um perigo para a América do Sul. Êste segundo perigo seria indubitàvelmente uma ameaça grave para os abastecimentos vitais de alimentos e munições para a Inglaterra, sem os quais êste país não poderia subsistir por muito tempo.»

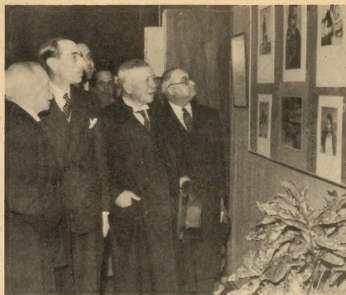
O almirante Darlan foi a Turim conversar com o Conde Ciano, o que prova que a Itália não desiste das compensações teritoriais na Sabóia, na Córsega e em África, e que a Alemanha abandonou Vichy às exigências da sua aliada. No dia 11, o oficioso *Mensagero* informava, como a justificá-la, que «os inglêses desembarcaram recentemente, importantes contingentes de fôrças expedicionárias imperiais britânicas nas costas da África Equatorial, adjacentes às zonas territoriais da Serra Leôa, Libéria, Costa de Ouro e Nigéria, que tôdas aquelas possessões britânicas se encontram muito próximas das possessões francesas africanas e que, recentemente, outros importantes contingentes de tropas expedicionárias inglêsas desembarcaram em Gambia, que se encontra apenas a 150 quilómetros de Dakar».

Tudo isto se vê muito bem em Berlim e em Londres. O ministro do Comércio dos Estados Unidos acaba de declarar que a avançada nipónica fere as vias dos abastecimentos provindos das Índias Orientais e que a indústria norte-americana só tem borracha para doze meses. A previsão de Stirling cumpre-se com hora exacta. O momento do S. O. S. para os beligerantes — chegou.

DOIS ASPECTOS DA SESSÃO DE HOMENAGEM AO CONDE DE PENHA GARCIA, na Sociedade de Geografia de Lisboa. Em cima: os srs. Presidente da República e ministro das Colónias, com outras entidades.

O SR. MIGUEL TRIGUEIROS fazendo a sua conferência na sede da Acção Católica.

O SR. JOAQUIM LEITÃO falando sôbre Torquato Tasso na sessão inaugural do novo ano lectivo do Instituto de Cultura Italiana de Lisboa.

O CHEFE DO ESTADO recebendo da direcção do Sindicato Nacional dos Tipógrafos uma colecção de miniaturas dos jornais diários portugueses.

O SR. JOSÉ VANZELER PEREIRA PALHA inaugurou há dias no estúdio do Secretariado da Propaganda Nacional, com a assistência do Chefe do Estado, uma atraente exposição de fotografias que constituem, no seu conjunto, um quadro artístico da vida ribtejana.

OS NOVOS VEREADORES DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA, recentemente eleitos, tomaram, há dias, posse dos seus lugares nos Paços do Concelho. A foto mostra-nos um aspecto da sessão de verificação.

TERMINARAM NO DOMINGO PASSADO, em todo o País, as solenidades que assinalaram a celebração da «Semana da Mãe», iniciativa da Obra das Mãos pela Educação Nacional, na qual colaborou, mais uma vez, o professorado primário, exercendo a sua influência no meio escolar para conduzir as crianças à prática do amor pela família. Na Sociedade Nacional de Belas Artes, efectuou-se uma exposição de berços que foi inaugurada pela espôsa do sr. Presidente da República. Na foto vê-se a senhora de Fragoso Carmona, com as sr.as Condessa de Rilvas e doutora Maria Guardiola.

NO INSTITUTO BRITÂNICO, têm continuado, com muito interêsse e grande concorrência, as conferências de divulgação cultural. A foto mostra-nos o sr. prof. Bernard Byrne falando ali sôbre o «Cardinal Newman».

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo III — Adversários que se espreitam

1
A OFENSIVA DA PAZ

O inverno que colheu o mundo entre Outubro de 1939 e Março de 1940 ficará na história da humanidade como um período singular e característico dos novos métodos de acção postos pelo Reich ao serviço da guerra. Com excepção do episódio finlandês, pode dizer-se que durante êsse largo período não houve hostilidades em parte nenhuma do mundo. Mas se as [illegible], as mais modernas e as mais aperfeiçoadas, deixaram de fazer ouvir o seu ruído sinistro, os homens não conheceram um minuto de descanso. Agitaram-se sem cessar, numa actividade doentia que encheu as cidades e os campos. A guerra dos nervos conheceu o seu período áureo. Nunca as edições dos livros, dos jornais e dos panfletos, as emissões radiofónicas, as manobras diplomáticas e sugestões de agentes oficiosos tiveram maior intensidade. De Tóquio a Nova Iorque, correndo as capitais nórdicas e as capitais balcânicas, a nuvem dos boatos e o enxame das versões suspeitas envenenaram a atmosfera e criaram o ambiente propício às defecções gigantescas que haviam de se registar com o alvorecer da primavera.

Dos aviões de combate, em vez de bombas caíam papéis com expressões de sentido duvidoso. Nas suas posições, os soldados, em vez de trocarem balas, trocavam ironias ou saüdações. Os políticos e os banqueiros, os diplomatas e os chefes de indústria, os jornalistas e os correctores de segredos tiveram a sua hora. Todos os elementos suspeitos irradiaram dos «bas-fonds» em que acobertaram a sua cubiça ou o seu despeito para uma floração doentia que, lentamente, ia contaminando os países mal preparados e incompletamente imunizados por uma profilaxia apropriada.

Coulondre, embaixador da França em Berlim, conversando, pela última vez, com Von Welczeck, embaixador da Alemanha em Paris.

O Aro Hotel de Bucareste onde se refugiou Beck, depois da queda da Polónia. O sinal × evidencia o quarto em que viveu no seu exílio, durante o inverno de 1939-40, o antigo Primeiro Ministro polaco.

O ministério da propaganda do Reich e os seus elementos de confiança, a Wilhelmstrasse e a organização para os alemães no estrangeiro tiveram na execução dum plano meditado e hábil de penetração pacífica o papel principal. Os exércitos alemães detiveram-se numa ofensiva que só mais tarde havia de declarar-se para cederem o seu lugar à nova fôrça dos propagandistas e dos conselheiros. Mas antes que isso acontecesse, o mundo ia assistir a um espectáculo inédito e curioso.

O DISCURSO DO FUEHRER

No dia 6 de Outubro, o Reichstag foi convocado para ouvir da boca do chanceler uma exposição pormenorizada dos factos que tinham ocorrido durante o mês anterior. A sessão teve a solenidade das grandes ocasiões. O Fuehrer foi aclamadíssimo e os seus auditores escutaram uma narrativa completa da campanha da Polónia. Homens e factos, datas e episódios passaram na sua palavra fácil e fluente para os expor à luz da crítica ou do louvor. Os dirigentes da Polónia vencida tiveram o seu quinhão de censuras. Os artífices da vitória alemã encontraram na boca do chanceler a expressão ardente dum reconhecimento que identificava tôda a população do Reich.

A frente interior, essencial para a condução da guerra, encontrava-se, assim, reforçada. Aos olhos do povo alemão, cujo concurso se tornara indispensável à execução metódica dos planos concebidos pelos chefes do nacional-socialismo, a ocupação da Polónia traduzia a satisfação duma necessidade e a resposta adequada às injustiças de Versailles, por um lado, aos tratamentos infligidos

a alguns dos seus compatriotas, por outro.

Mas o Fuehrer tinha mais alguma coisa a dizer aos deputados do Reichstag. Depois de exaltar o valor da vitória alemã e esboçar as linhas gerais do futuro Estado polaco, propunha a paz aos seus adversários, por entender que haviam cessado os motivos de divergência que os separavam tão pouco tempo antes.

A leste, o chanceler entendia que se devia regular o problema da Polónia e todos os outros que complicavam a vida dos povos na Europa central e oriental; criar uma fronteira oriental do Reich de acôrdo com as condições históricas, económicas e étnicas; solucionar pacìficamente as questões de populações por um acôrdo entre os diversos Estados interessados; liquidar o obstáculo judeu; reconstruir o sistema das comunicações e da economia daquelas regiões; garantir a segurança de todos os povos que se conformassem com êsse regulamento das questões pendentes; construir um novo Estado polaco que, de futuro, não pudesse constituir um obstáculo para o desenvolvimento e para a expansão do Reich e da U. R. S. S. A leste, o chanceler alemão pensava que devia criar-se um estado de coisas que confirmasse as realidades que tinham surgido com a invasão da Polónia.

A MÃO ESTENDIDA

A parte principal e essencial do seu discurso não se dirigia, porém, nem aos polacos nem aos outros povos do leste europeu. Era para os seus adversários do ocidente que o Fuehrer falava.

«Precisamos estabelecer na Europa a paz e a segurança verdadeiras. A segurança só será possível por uma limitação dos armamentos. Trata-se de proibir o emprêgo de certas armas modernas que se revelaram capazes de atingir as populações no interior dos países em luta. Já apresentei, em tempo, propostas nesse sentido. Porque partiam de mim, não foram aceitas. Mas continuo convencido de que a verdadeira segurança só poderá ser alcançada quando se fizer uma distinção clara entre armas lícitas e ilícitas».

Neste número, o Fuehrer especificadamente incluiu a arma aérea, os gases e os submarinos. Em seu entender, só com a sua supressão seria possível evitar que as populações continuassem a sofrer com o prosseguimento duma luta em que não tomavam parte directa. Era o conceito genebrino de especificação e de limitação dos armamentos que fazia, de novo, a sua aparição, trazido pelo chefe de Estado que mais vivamente se opusera, durante anos, à sua aplicação prática.

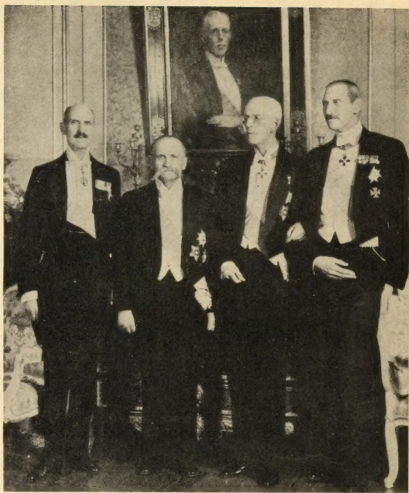
O Fuehrer continuou: «Não há, decerto, nenhum homem de Estado que não deseje a paz. Mas a paz só é realizável sôbre uma base: a cooperação internacional. Para chegar a essa cooperação, as nações terão, mais cedo ou mais tarde, que se reúnir numa conferência. E nenhuma conferência internacional pode realizar-se ao som dos canhões e com o ruído das espingardas. Seria razoável tratarmos de a preparar, desde já, antes que tenham sido sacrificados milhões de vidas humanas. De contrário a França e a Alemanha continuarão a lutar, vendo as suas cidades destruídas por uma aviação que atingirá, sôbre os mares, outros países, pois hoje já não há ilhas. Nós continuaremos a combater porque não duvido da vitória alemã. Os povos e os chefes conscientes de que nesta guerra só haverá, afinal, vencidos, devem aceitar a mão que lhes estendo.»

Era o princípio, também exposto em Genebra, da cooperação internacional que igualmente se renovava. Pràticamente, o chefe do Reich significava à França e à Grã-Bretanha que a continuação da luta não tinha sentido e que deviam aceitar o predomínio alemão na Europa Central e Oriental. Independentemente do reconhecimento desta realidade, o Reich reivindicava a posse das suas antigas colónias.

A FRANÇA, A GRÃ-BRETANHA E A U. R. S. S.

Hàbilmente, o chanceler tratava, simultâneamente com as ideias gerais que visavam a cessação imediata das hostilidades pelo reconhecimento da conquista da Polónia e pela cedência de territórios ultramarinos, o caso particular de cada um dos países que directamente lhe interessavam.

Em primeiro lugar a França. Entre êste país e o Reich havia apenas um motivo de divergência: o Sarre. Uma vez suprimido êle, nenhuma outra reclamação de carácter territorial havia a apresentar à nação francesa. Nem a Alsácia Lorena, a cuja posse voluntàriamente renunciara para evitar que um novo conflito sangrento voltasse a separar os dois países. Nunca fizera à França qualquer pedido incompatível com a sua honra e com os seus interêsses. Tudo fizera para afastar do povo alemão a ideia duma inimizade tradicional e inelutável. Pelo contrário, era parecer seu que as grandes realizações do povo francês em todos os domínios e as virtudes dos seus soldados mereciam o respeito da humanidade inteira.

Quanto à Inglaterra, a amizade anglo-alemã fôra em todos os momentos, o objectivo predominante

Os reis da Noruega, Suécia e Dinamarca, e o Presidente da República da Finlândia, após a conferência de Estocolmo, em 18 de Outubro de 1939.

da sua carreira. Tudo fizera para a conseguir e não deviam atribuir-lhe a responsabilidade se os seus esforços se tinham malogrado. Continuava a ser convicção sua de que não haveria verdadeira paz no mundo enquanto a Alemanha e a Inglaterra se não entendessem. A hostilidade britânica era atribuída pelo chanceler à atitude inexplicável de certos dirigentes de Londres que agiam assim para conseguir fins que mal se compreendiam.

Por último a Rússia soviética: «Procurei normalizar as relações do Reich e da Rússia soviética assentado-as numa base de amizade. Graças às ideias concordantes de Estaline, os meus esforços foram coroados de êxito. Estabelecemos com o Estado soviético relações amigáveis e duráveis. As repercussões dêste facto serão benéficas para os nossos dois povos.»

Depois do pacto de 23 de Agôsto, o Reich e a U. R. S. S. tinham concluído o acôrdo de delimitação de fronteiras e estreitavam as suas relações económicas. Esta era a realidade nova que o Fuehrer apresentava aos seus adversários do ocidente. Queriam êstes continuar a luta? Sabiam que o Reich nacional-socialista e a Rússia comunista estavam estendidos para a ganhar, quer cooperando económicamente, quer auxiliando-se em caso de necessidade. O malôgro das negociações entre a França e a Grã-Bretanha, dum lado, e a U. R. S. S., do outro, constituía a pedra principal do xadrez político que ia jogar durante o semestre próximo.

A NEGATIVA FRANCO-BRITÂNICA

Quatro dias depois, a 10 de Outubro, o chefe do govêrno francês dava, num discurso radiodifundido a primeira resposta ao oferecimento do Fuehrer. Daladier, intérprete duma acção concertada entre Paris e Londres, resumia, assim, a proposta de paz alemã: «Destruímos a Polónia. Estamos satisfeitos. Paremos o combate e organizemos uma conferência para consagrar a minha vitória militar e para preparar a paz». A França desejava, em estreita colaboração com a Grã-Bretanha, continuar êsse combate. As razões para isso invocadas pelo chefe do seu govêrno eram de ordem material, uma, outras eram de ordem espiritual e política. A França e a Grã-Bretanha não tinham entrado na guerra para iniciar e levar a cabo qualquer cruzada ideológica. Nenhum daqueles países se sentia animado também pelo desejo de conquistas territoriais ou de qualquer outra espécie. Mas pensavam, e procediam em concordância com o seu pensamento, que a Alemanha tinha um objectivo fundamental — estabelecer a sua dominação na Europa — e que deviam opor-se, por todos os meios, incluindo a guerra, a que êsse objectivo acabasse por ser alcançado.

A campanha da Polónia era, para o grupo franco-britânico, a manifestação mais patente do desejo alemão de dominação. Seguindo-se à Áustria e à Checo-Eslováquia, a Polónia ilustrava a sua tese, como um argumento decisivo a determinar a vontade da nação francesa de lutar. Além dêste motivo, um outro predominava no discurso de Daladier. Quem garantiria que, de futuro, os compromissos assumidos pelo Reich seriam cumpridos tal como ficassem inscritos na letra dos tratados a celebrar e das combinações a fazer? Além de que nem a França nem a Inglatera estavam dispostas a consagrar com a sua assinatura o desaparecimento de mais um país da carta da Europa. A concepção germano-russa, expressa no seu acôrdo político, de que a sorte da Polónia apenas dizia respeito às duas potências era considerada inaceitável em Paris e em Londres. A Europa era um todo e facto de se arrancar um dos seus membros não podia deixar de ter repercussões fatais no resto do corpo. «A França, a quem a guerra foi imposta, concluiu Daladier, tem no combate a sua linguagem de sempre. Em nome de todos os franceses afirmo que combateremos até que se alcance para os povos uma garantia definitiva de segurança.»

DOIS DIAS DEPOIS

Em 12, Chamberlain falava nos Comuns para empregar uma linguagem idêntica. O ponto de vista britânico precisava-se em pormenores de segurança própria, acentuando o Primeiro Ministro que as iniciativas do Reich contra alguns dos países

pequenos da Europa eram o prólogo duma emprêsa de maior envergadura, a qual pràticamente se traduziria pelo aniquilamento do Império britânico se um dia pudesse vir a executar-se.

Quanto às origens da luta, a Grã-Bretanha, como a França, desejava afastar dos seus ombros qualquer responsabilidade. Êle, Chamberlain, era o testemunho vivo da vontade de paz que animava o seu país. Tudo fizera para salvaguardar essa paz, que considerava o bem mais precioso que podia cair sôbre o mundo. Mas as concessões de que pessoalmente assumira a responsabilidade, que convencera outros países a fazer, que o seu próprio país estava disposto a consentir, não tinham conseguido remover o obstáculo principal que se opunha ao restabelecimento duma atmosfera de calma e de confiança entre os povos. Sem a existência dêsse ambiente propício nada de durável era possível realizar. Recuar perante os factores de perturbação equivaleria a banir do mundo tôdas as esperanças e a consentir o desaparecimento dos valores morais que, em todos os tempos, constituiram a origem e a razão de ser do progresso humano. Nem da guerra nem do povo alemão a Grã-Bretanha aspirava a tirar proveitos materiais na luta em que se envolvera. Mas aspirava não apenas a uma vitória militar decisiva, para a qual contribuiria com tôdas as suas fôrças e com todos os seus recursos, mas ao estabelecimento dum sistema eficaz de cooperação internacional que banisse, para sempre, o emprêgo da fôrça nas relações entre os diversos povos.

Para que êsse sistema a que aspiram todos os povos da Europa se transforme numa realidade há apenas um obstáculo: o govêrno alemão. Foi êle que, com os seus actos de agressão repetidos, evitou que o mundo gozasse os benefícios da paz. Foi êle que criou na consciência dos povos vizinhos que domina o sentimento permanente do medo e da falta de segurança.» Como Daladier, Chamberlain concluiu o seu discurso por uma recusa formal a dar seguimento ao oferecimento feito pelo Fuehrer, seis dias antes, no Reichstag.

PONTO FINAL NA POLÉMICA

Em 24, o ministro dos estrangeiros do Reich pôs ponto final na polémica que se suscitara e que ficou conhecida pela designação de ofensiva da paz. Falando em Dantzig, Ribbentrop criticou com violência a recusa anglo-francesa a negociar, uma vez consumada a derrota militar da Polónia, e acusou os dois países de desejarem, para satisfação de interêsses egoístas, a continuação das hostilidades e, inevitàvelmente, o seu alargamento a outros países.

A Alemanha fizera uma oferta de paz. Essa oferta fôra desdenhosamente repelida pelos seus adversários. Só êstes assumiriam a responsabilidade dos acontecimentos dramáticos que se seguiriam à sua recusa. O govêrno do Reich não prosseguiria os seus esforços. Mas considerava que o tom e o significado das expressões usadas por Daladier e por Chamberlain equivaliam a um desafio a que o seu país saberia responder.

O ministro dos estrangeiros do Reich renovou, no seu discurso, a versão oficial alemã inserta no respectivo Livro Branco, de que não fôra o Reich que atacara a Polónia, mas que fôra vítima duma agressão premeditada dos polacos. Essa agressão era o produto, por um lado dos sentimentos profundos da Polónia em relação ao povo alemão, por outro do cheque em branco que a Grã-Bretanha dera ao govêrno de Varsóvia assinando com êle o tratado de garantia que conduzia directamente à guerra. A França, segundo a versão de Ribbentrop, teria sido igualmente vítima da maquinação britânica que, como em outros períodos da história da Europa, conseguia lançar, uns sôbre os outros, os povos do continente, para satisfação dos seus desejos e dos seus interêsses próprios.

Perante a recusa franco-britânica, o Reich prosseguiria na guerra com a maior energia. «Aceitamos o desafio—acrescentou—e estamos resolvidos a não depor as armas até que tenhamos conquistado, para sempre, a segurança do povo alemão, convencidos, como estamos, de que temos connosco o direito e a justiça». A parte final do discurso de Ribbentrop aparecia revestida dum significado diplomático e político incontestável. A luta seria entre o Reich, a Grã-Bretanha e a França. A amizade com os sovietes era objecto das suas expressões mais calorosas. Simultâneamente assegurava aos Estados Unidos que o povo alemão desejava estreitar cada vez mais as relações amistosas que já mantinha com o povo norte-americano.

TENTATIVAS INÚTEIS DE CONCILIAÇÃO

Dois acontecimentos de relêvo, no domínio político, assinalaram ainda o decurso do mês de Outubro de 1939.

A 18, chegavam a Estocolmo, a convite do rei Gustavo da Suécia, os chefes de Estado dos países nórdicos, os reis Haakon, da Noruega, e Cristiano IX, da Dinamarca, e o presidente da República da Finlândia, Kivsty Kallio. No decurso da

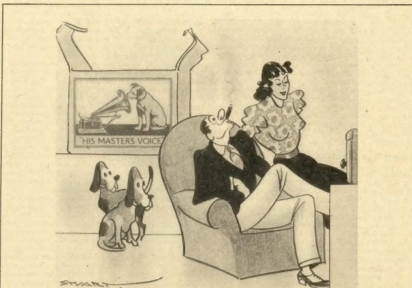
A porta do prédio n.º 10 de Downing Street, residência do Primeiro Ministro Britânico. Numa tarde de Dezembro de 1939, em plena guerra, um gato passeia despreocupadamente...

conferência que os reuniu e que durou dois dias, foram recebidos, na capital sueca, numerosos telegramas e mensagens de felicitações, especialmente do presidente Roosevelt e de outros chefes de nações americanas.

O comunicado oficial publicado no final da conferência dizia que tôdas as resoluções tinham sido tomadas por unanimidade. Essas resoluções eram bastante platónicas e os factos não tardaram a opor-lhes um desmentido brutal. Os países nórdicos ofereciam-se para iniciarem diligências tendentes à conclusão duma paz entre os beligerantes; afirmavam o seu propósito comum de manterem a mais estreita neutralidade e reivindicavam o direito de usarem da liberdade de comércio para satisfação das suas necessidades económicas. O comunicado não aludia especialmente à situação da Finlândia, que iniciava, por essa altura, as suas negociações com a Rússia soviética.

Em 26 de Outubro, o rei Leopoldo da Bélgica, numa alocução radiodifundida para os Estados Unidos, oferecia igualmente a sua mediação e a da Holanda para se restabelecer a paz na Europa. Reafirmava o desejo do seu país de seguir, sem hesitações e sem desvios, a política de neutralidade das suas concepções. Entretanto, as ofertas que essa situação de neutralidade, além de corresponder aos interêsses profundos do seu país, podia imediatamente traduzir-se por uma iniciativa de grande utilidade para o futuro da Europa de que a Bélgica se não podia alhear.

As ilhotas de paz que ainda perduravam, a Escandinávia e os Países Baixos, não tardariam a receber os golpes que as convenceriam da inanidade das suas concepções. Entretanto as ofertas da conferência de Estocolmo e do soberano da Bélgica eram igualmente rejeitadas pelos dois partidos em luta. Esta ia entrar, passada a campanha relâmpago da Polónia, numa fase de acalmia. Mas nenhum dos adversários abandonaria as suas posições fundamentais. O intervalo seria aproveitado para reforçarem o seu potencial militar e para melhorarem as condições diplomáticas em que precisavam agir.

(Continua)

O CÃO — Julgava que era uma cadelinha que vinha dentro da caixa e, afinal, é uma telefonia!...

A CADELA — E ainda bem! É que isto é um rádio «His Master's Voice», o melhor do Mundo!

Há exactamente vinte e cinco anos...

a vida e a morte de Gregor RASPUTINE

por S. Schmulevitz

(Continuação do último número)

RASPUTINE aparecia poucas vezes na côrte, como já dissemos, mas entretinha uma intensa correspondência com a Czarina, por intermédio da já citada dama de honor, Virubova. Recortes destas cartas caíram misteriosamente nas mãos de pessoas que os souberam apreciar devidamente. Poucas semanas depois, parte dessa correspondência, muito deturpada e falsificada, foi publicada no jornal bolchevista de Zurique, que entrava clandestinamente na Rússia. O escândalo foi completo. As más línguas não hesitaram em suspeitar das relações entre o Monge e a Czarina. As calúnias acumularam-se.

Rasputine via, com maus olhos, a participação da Rússia na guerra. Êle sabia que, se a Rússia vencesse cumummente com os aliados, a cultura ocidental havia de penetrar na Rússia e derrubar tudo quanto era tradicional e ortodoxo. Se, pelo contrário, a Rússia fôsse vencida, então a revolução era inevitável. Em ambos os casos, êle próprio seria arrastado, o que, é claro, não lhe convinha. Quando a Rússia entrou na guerra, por motivos superiores à sua vontade, êle preconizou incessantemente a sua célere terminação. Foi a conselho de Rasputine que o Czar destituiu, em 1915, o seu tio, Nicolau Nicolaievitch, do supremo comando, enviando-o para o teatro de luta do Caucaso. O «Santo» temia o Grão-Duque, no qual pressentia o futuro ditador e o intransigente partidário da guerra. Por isso, o Grão-Duque tinha que desaparecer. As insinuações de Gregor encontraram eco também na Imperatriz, que era alemã, e discordava da guerra. Mas a vontade do partido dos grão-duques, e o compromisso com os aliados, era o contrapêso na balança e Nicolau julgou preciso à sua honra prosseguir a guerra. Pouco a pouco, no entanto, começavam a espalhar-se boatos insistentes em público. Rasputine persuadia o Czar a vender a honra da Rússia e a concluir uma paz deshonrosa, traindo os aliados; Rasputine insinuava à Imperatriz que influenciasse o seu espôso no sentido da paz; Rasputine não só rezava orações místicas com o Czar, nas horas vagas, mas também o levava a ignominiosas beberrónias, para extrair do monarca embriagado, segredos de Estado e obter dêle assinaturas para seus fins.

Da Czarina, ainda se diziam coisas piores. Estes boatos, conquanto nada se soubesse a respeito da sua origem e veracidade, surtiram um efeito funesto para a família imperial.

Entretanto, com uma ambição sem limites, Rasputine imiscuia-se na alta política. A destituição e a nomeação de ministros e chefes de exércitos não era feita sem o consultar. A nomeação do reacionário Protopopoff, para presidente dos ministros, foi obra sua.

O ódio contra Rasputine ia-se aglomerando lenta, mas seguramente, pois viam nêle o destruidor, o flagelo da Rússia. Os social-revolucionários, a quem convinha que Rasputine continuasse nos seus actos sinistros, para assim arrastar à lama o respeito pela dinastia, souberam utilizar bem esta circunstância.

Mas enfim, a mão vingadora do Destino, que tantas vezes falhara, havia de empolgar a sua vítima. Durante anos e anos, êle tinha um protector poderoso em Iliodor, o confessor do Czar, pois êste esperava ver nele um mero instrumento divino, para defender a Igreja Ortodoxa e a sua influência mística sôbre o povo contra as investidas da emancipação e as ideias liberais. Mas agora, que se divulgavam em público os seus actos libertinos, as aventuras galantes do monge, Iliodor não estava disposto a aturá-lo. Isto foi uma razão da sua queda. A segunda foi muito mais forte e complicada. As engrenagens da alta política, na qual Rasputine se tinha imiscuído levianamente, haviam de esmagá-lo.

Quando em Junho de 1916, e a pedido urgente das potências ocidentais, Nicolau II ordenou a grande ofensiva de Brussilov, o ministro da guerra britânico, Lord Kitchener, devia vir pessoalmente à Rússia, para insuflar novo alento à condução de guerra russa. A viagem de Kitchener devia efectuar-se de Scapa-Flow para Arcangel, e constituía um segrêdo diplomático, de modo que nem o comandante, nem a tripulação do cruzador «Hampshire», imaginavam a categoria do hóspede que tinham a bordo. Não obstante, pouco depois da largada de Scapa-Flow, na manhã de 6 de Junho, o navio chocou com uma mina que, dias antes, havia sido colocada por um submersível alemão, e dentro de 15 minutos o cruzador foi a pique. Apenas 12 marinheiros conseguiram salvar-se numa jangada. O resto da tripulação e Kitchener, que a Inglaterra considerava o seu melhor general, o pilar da sua grandeza e unidade, encontraram a morte no oceano agitado.

O sinistro, no entanto, longe de ser uma coincidência, foi um acto diabólico premeditado. Pouco depois de se receber em S. Petersburgo a notícia calamitosa, correu o boato de que os alemães haviam sido informados da viagem de Kitchener, por círculos da côrte russa, recaindo as suspeitas sôbre Rasputine e a Czarina. Esta, tendo o maior interêsse em destituir de fundamento tais acusações monstruosas, encarregou, em princípios de Julho, o general Komissarov, chefe da polícia militar secreta, de proceder às devidas investigações. Por isso, o general foi para Czarskoie-Selo, sendo recebido pela dama de honor, Virubova, e pela Imperatriz. Mas Komissarov exigiu receber ordens directas do Czar, e dirigiu-se a Mogilev, onde se encontrava o quartel general imperial. Foi recebido por Nicolau II, que lhe repetiu a ordem de assumir as investigações. Acto contínuo, o general pediu que Sua Majestade se dignasse informá-lo das negociações havidas entre os govêrnos russo e britânico, acêrca da viagem de Kitchener. Como resposta, seguiu-se um silêncio muito significativo, durante o qual Nicolau batia com os dedos na mesa, que era sinal de grande desaprovação, ou, pelo menos, de nervosismo.

O general, um criminalista de raro talento, compreendeu, e enviou os seus agentes à Inglaterra, onde se averiguou que a partida de Kitchener estivera envolvida em absoluto sigilo. Komissarov chegou à conclusão de que o fio do mistério começava em S. Petersburgo, e mandou vigiar Rasputine atentamente. Para êsse fim, os seus agentes deviam convidá-lo a um bacanal, e interrogá-lo acêrca do assunto, pois a «Ochrana» sabia que o «Santo», sempre desconfiado, não se acautelava e revelava todos os segredos na embriaguês.

Efectivamente, Rasputine caiu na armadilha. Duas semanas depois, rodeado de vinho e mulheres, êle atrapalhou-se revelando que a Czarina se havia queixado de que o espôso se embriagava freqüentemente e descobria, nêsses casos, segredos do Estado. Pedira-lhe que impedisse o Czar de progredir nêsse mau caminho. Concluiu-se que a Czarina era completamente inocente. Poucos dias depois — apuravam os agentes de Komissarov — realizou-se um almôço no quartel general do Czar, onde as bebidas abundavam. Rasputine embriagou-se naquela ocasião, e nêsse estado, informou o general Wojeikov da iminente visita de Kitchener, acrescentando que ela era indesejável, porque o inglês exigia esforços extremos da Rússia. Wojeikov, um parente do Czar, suspeito de espionagem, recebeu no dia imediato o príncipe-aventureiro Micael Micaelovitch Andronikov, igualmente suspeitíssimo, o qual, por sua parte, recebeu a visita do agente Schwedow, vigiado pela polícia e suspeito de dupla espionagem, que imediatamente foi para Estocolmo, donde a boa nova seguiu para Berlim. Schwedow cometeu a imprudência de regressar a S. Petersburgo, onde foi imediatamente prêso e enforcado 24 horas depois de confessar tudo. Durante o julgamento, os nomes de Andronikov, Wojeikov e Rasputine nem foram mencionados.

Komissarov, depois de comunicar o resultado das investigações ao Czar, foi despedido em desgraça.

Mas a morte de Kitchener constituía o derradeiro triunfo do monge. Começou a tornar-se o homem mais odiado do Império, e até se suscitavam boatos de que forjava projectos sinistros para destituir o Czar e mandar a Czarina para um claustro. Tôda a gente sabia que a última hora do charlatão havia soado. A Igreja Ortodoxa, os fiéis do Czar, e os embaixadores inglês e francês, Buchanan e Paléologue, estavam dispostos a proteger os elementos que se prontificassem a liquidar Rasputine. Em fins de Dezembro de 1916, o Czar, incitado pelo monge, havia destituído o govêrno de Stürmer, encerrado a Duma, e incumbido Protopopov de formar gabinete. Finalmente, o partido dos grão-duques votou a morte de Rasputine.

Na noite de 29 de Dezembro, efectuou-se a reünião decisiva no edifício da Embaixada Britânica. Os príncipes Félix Fedorovitch Iussupov e Aleixo Dimitrovitch Purichkevitch, incumbiram-se da execução. Rasputine estava em óptima disposição, vangloriando-se da destituição do gabinete e do encerramento da Duma, e não desconfiava de nada. Por isso, aceitou, para a noite de 29 de Dezembro, o convite do príncipe Iussupov, para um jantar íntimo. Estiveram presentes Rasputine, Purichkevitch, alguns homens de confiança do partido dos grão-duques, e duas «demi-mondes», para servirem de isca ao apetite sensual do «Santo». Por intermédio dos seus espiões, Rasputine mandou investigar prèviamente se haveria algum perigo, recebendo, contudo, as informações mais satisfatórias. Considerou-se, assim, fora de qualquer risco.

Bebia-se muito. O jantar aproximava-se do seu termo. Os assassinos haviam resolvido que, no fim, seria oferecida a Rasputine uma taça de «champagne» que continha veneno de efeito mortal imediato. O monge, já emborrachado, esvasiou o cálice — e ficou ileso!

O pânico empolgou os conspiradores. Seria êle, realmente imune, contra o veneno, a morte e o diabo? (Afinal, apurou-se, ainda na mesma noite, que o homem que devia misturar o veneno no «champagne», fôra subornado pelos agentes de Rapustine — e, pouco depois, morto a tiro pelo príncipe Iussupov).

Mas não havia mais tempo a perder. Purichkevitch fêz um sinal e Iussupov deu um pulo para trás do maple de Rasputine, atingindo-o com um revólver nas costas e no pescoço e dando-lhe ainda um golpe com um candelabro de bronze na cabeça. O agredido inclinou a cabeça sôbre a mesa, mas, com ingente energia, ergueu-se imediatamente, tirou uma pistola da algibeira, e apontou-a contra Iussupov. A arma falhou (os agentes de Iussupov haviam extraído as balas antes). Então, com um supremo esfôrço, o gigante levantou o pesado maple, para o descarregar sôbre a cabeça do agressor.

O príncipe saltou a tempo para o lado. Tudo isto foi obra de poucos segundos. Os convidados refugiaram-se nos cantos da sala. Rasputine precipitou-se sôbre a porta, desceu as escadas e chegou ao jardim. Os dois príncipes perseguiam-no e alcançaram-no quando êle se arrastava, em agonia, para alcançar a saída. Vendo os perseguidores, levantou-se mais uma vez com a derradeira fôrça, juntou os polegares num gesto místico, e enquanto o sangue lhe corria sôbre o corpo, rematou, entre suspiros:

«Vejo sangue... muito sangue... As minhas mãos... Eu e o paizinho Czar estamos ligados pelo destino... Vou morrer... Um inverno passará... e os Romanov não existirão mais...»

Os perseguidores sentiram um arrepio e apontaram os revólveres. Um, dois, três, quatro tiros — Rasputine estava morto.

Um inverno passou — e a profecia fatal do agonizante cumpriu-se.

Vida MUNDIAL Ilustrada

JOSÉ CANDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Garrett, 80, 2.°—Lisboa—Tel. 25844

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Mais quatro barcos da classe do «Washington» estão em construção.

AS ESQUADRAS DO PACIFICO

HIEI (1914) RECONSTRUCTED 1939
(29,330 TONS)

KONGO (1913) RECONSTRUCTED 1936
(29,330 TONS)

KIRISIMA (1915) RECONSTRUCTED 1936
(29,330 TONS)

MUSO (1915) MODERNISED 1934
(29,330 TONS)

HARUNA (1915) MODERNISED 1934
(29,330 TONS)

YAMASIRO (1917) MODERNISED 1934
(29,330 TONS)

HYUGA (1918) RECONSTRUCTED 1936
(29,990 TONS)

ISE (1917) RECONSTRUCTED 1936
(29,990 TONS)

MUTU (1921) RECONSTRUCTED 1936
(32,720 TONS)

NAGATO (1920) RECONSTRUCTED 1936

O Japão tem também em construção cinco barcos de 40.000 toneladas.

C. E. TURNER

Damos nestas duas páginas um esquema do potencial das duas esquadras actualmente em luta no Pacífico, reprodução dum desenho de E. Turner, publicado na «Illustrated London News». Cada classe de barcos de guerra de superfície está representada por um navio tipo. Na página da esquerda, vemos a esquadra americana do Pacífico, de cruzadores de batalha, desde o velho «Oklahoma» — afundado já, ao que parece, quando do ataque japonês às ilhas de Hawaï — até aos modernos «Washington» e «North Carolina». Junto de cada unidade, está indicada a data da sua construção (e, entre parêntesis, a da sua reconstrução) e a respectiva deslocação em toneladas. Dos quatro couraçados da classe do «Washington» em construção, dois foram já lançados à água: o «Indiana» e o «Massachussetts». Os dois outros são o «Alabama» e o «South Dakota». Nesta página, apresentamos o esquema da esquadra japonesa. Estão nêle incluídos dez cruzadores de batalha construídos entre 1914 («Hiei»), a 1920 («Nagato»). Além dos navios dêstes tipos, sabe-se que estavam há pouco tempo em construção — e talvez mesmo já tenham entrado em combate — alguns couraçados de 40.000 toneladas, dois dos quais (o «Nissin» e o «Takamatu»), foram, de certeza, concluídos.

Dez raparigas alentejanas

novela por Maria Archer

TINHAM nascido em Castro Branco, naqueles anos turvos que se seguiram à República, umas mais cêdo, outras mais tarde, mas chegadas o bastante para serem do mesmo tempo escolar. Vinham as dez da mesma família, filhas de três irmãos, e isso aproximava-as no sangue, na educação, nos bens, na casta social, e até na consideração da gente da terra.

Linhagem de lavradores. Seus pais antes de se meterem na política republicana, pegavam na rabiça do arado e arreavam as muares com suas mãos afeitas ao trabalho. Mas da política veio-lhe o compadrio ajudador que os tempos iam de feição para quem gritasse mais alto «viva a República», e êles gritavam com gana o que quisesse o «senhor compadre», o de Beja, que era um mãos largas para quem o ajudasse a ganhar as eleições. Um dos irmãos não tardou em meter-se nas feiras de gado, outro arranjou uma quota na «fábrica», o outro conseguiu capitais para um negócio de aguardente e vinho. Dentro em pouco entravam a «enricar». Compraram herdades de cortiça, terras de pão, casas de sobrado. E depois, como estadão maior, enlevaram-se no luxo de ter em Lisboa os filhos seguindo esses estudos que acabam no tratamento de «senhor doutor». Logo puxaram os cordões à bôlsa, e cada qual à compita desejou ter na família mais doutorados. Quanto às filhas, era muster acompanhar os tempos e dar-lhes também educação. Prendadas, mas honestas, e mulheres de sua casa mais que tudo. Por isso veio para elas uma mestra de Beja, senhora de muitas habilidades e virtudes, cujo ensino ia do piano ao dôce de frutas, e que se conformava com um ganho modesto. Os irmãos dividiram a hospedagem em ciclos de quatro meses, passados em casa de cada um dêles, e contribuiram todos para o pagamento mensal. Mesmo assim comedido lhes parecia grande, êsse gasto feito com a educação das raparigas. Mas como as filhas do «senhor compadre» tinham mestra...

Mulheres, desde que saibam cozinhar e costurar, estão educadas...

Mas as raparigas, mal começaram a ler romances, entraram de ter ambições. Tôdas elas tocavam ao piano tangos e fados, tôdas liam as traduções dos romances sentimentais. Aos quinze anos quiseram vestir-se pelos figurinos franceses, usar «arrebique» na cara. Nas conversas entre primas já desdenhavam do casamento com os lavradores das cercanias. As mãis desesperavam-se de as sentirem afastadas da cozinha e da rouparia. Elas, no seu intimo, odiavam a vida monótona da vila e envergonhavam-se dos modos rústicos dos pais e das mãis.

A convivência delas limitava-se umas às outras, que nêsse tempo não havia em Castro Branco mais raparigas de tanto mimo na criação. Passavam as tardes e os serões a bordar «napperons», à janela ou em redor da mesa, e conversavam, interminàvelmente, sôbre as delicias nunca vistas da vida em Lisboa, ou nas termas elegantes ou nas praias da moda...

Entretanto corriam os anos e os pais delas «enricavam» cada vez mais. Ja dispunham de automóvel, já iam a Beja conferenciar com o Governador Civil, ja tinham «compadres» seus a quem davam uma ajuda nos negócios. Elas sabiam-se ricas, «as herdeiras ricas», bons partidos para casar.

Os rapazes, irmãos delas, andavam por Lisboa e Coimbra, nos estudos, e só nas férias apareciam em casa. Pela mesma época chegavam a terra todos os rapazes ricos, os dos estudos, filhos de lavradores com teres bastantes para educar os rebentos, mas tão tradicionalistas que temiam a educação para as filhas. Era nessa época que se namorava em Castro Branco. Então esboçavam-se idílios, faziam-se projectos entre as famílias, marcavam-se casamentos para «depois do curso». E os anos corriam, êles nos estudos, elas na vila. Todo o ano, fóra da época das férias, só se viam na terra os rapazes da lavoira, às vezes mais ricos que os outros, mas duma rusticidade que a educação delas não aceitava. De forma que só namoravam os primos e os amigos dos primos, sempre ansiosas dos rapazes que viviam longe e desdenhosas dos que moravam perto. Por fim correu voz de que elas, as dez primas, eram «fedúncias», e após essa fama de impostura nunca mais os rapazes de chapéu braguês, cinta de seda, jaqueta de alamares lhes passaram sob as janelas requebrando olhares ternos. Elas, esperando pelos primos, continuavam solteiras.

Mas os primos e os amigos dos primos foram-se formando nas universidades, um a um, e um a um iam-se perdendo pela cidade. Lisboa prendia-os no seu encanto de capital. Nenhum regressou à vila para tomar o pôsto de médico rural, de veterinário ou, feito agrónomo, tratar das suas terras a preceito. Nenhum casou com nenhuma delas. E os anos passaram de novo. Houve o primeiro luto na família, a primeira herança, com a passagem dos dinheiros da mão dos velhos para a mão dos novos. Depois disso duas das raparigas sairam logo para Lisboa, a ver e admirar a cidade onde vivem os homens capazes de casar — as duas raparigas que a orfandade tornava senhoras de suas vidas e bens.

— Solteira, de Castro Branco...»

Voltaram à vila com vestidos novos e «permanentes» de luxo, o que lhes grangeou muitas invejas e forte murmúrio de maledicência. E contando dos homens da capital que seguem as raparigas, que dizem coisas na rua, que olham, que escrevem... Homens com quem se podia casar, finos, bem apessoados... Se se pudesse saber o que eram, militares, ou doutores.

Entretanto, na vila, cada dia se notava mais a falta de rapazes.

Os tempos iam agora de feição para os lavradores. Por isso o exódo dos moços de Castro Branco continuava em direcção dos estudos na cidade. Abundava o dinheiro nas burras alentejanas. Ja as mocinhas mais novas requeriam dos pais mestras de piano e francês, ja tôdas se vestiam à moda e se penteavam com «permanentes». A vila, outrora apenas rural, enchia-se agora duma enorme população feminina, janota, ajeitada com garbo senhoril, que vivia nas suas moradias antiquadas à espera do casamento que desejava. Mas como casar? Noivos, não os havia. Os rapazes das famílias locais, findos os cursos superiores, fixavam-se em Lisboa, ou seguiam carreira no exército e na marinha. Castro Branco tornava-se, ano a ano, numa vila só de mulheres. Êles desertavam. Só as raparigas, prêsas à vila pela vontade dos pais, ficavam fiéis à vila, eternamente noivas de noivos que acabavam por se casar com outras, as da cidade, das termas, das praias.

Um dia morreu o velho médico municipal. Meses depois chegou um outro. Soube-se que era solteiro, e houve regozijo entre as raparigas. Casou depressa, escolhendo para mulher a mais rica herdeira da região. Depois, uma irmã da mulher do médico casou também, com um dos irmãos dêle, ainda solteiro. O médico falou em trazer uns primos pela época da caça, e as raparigas entusiasmaram-se. Compraram vestidos, sapatos, foram a Beja tratar dos cabelos. Mas passou a época da caça, veio o defeso, os primos não apareceram, e as raparigas desanimaram. Tempos depois falou-se em que a comarca, então em Aljustrel, seria transferida para Castro Branco. Elas pensaram logo no movimento dos magistrados, advogados, procuradores, e da gente que vai e vem para os julgamentos. Mas os de Aljustrel moveram influencias, conseguiram que a comarca lhes não fôsse retirada, e tudo estacionou no mesmo, com grande glaudio das raparigas de Aljustrel e maior desgôsto das de Castro Branco.

Passaram-se mais anos, vieram uns invernos rigorosos, o tempo roçou a sua foice pelas vidas, e a orfandade atingiu igualmente tôdas as dez primas. Nem pais, nem mães. As três grandes heranças, constituidas por terras de semeadura vastas como condados, e herdades de cortiça ricas como minas, foram divididas pelos irmãos e as irmãs. Êles, fixados à cidade, levaram para a cidade o dinheiro que os pais tinham empregado nos negócios do campo, e deixaram aos caseiros o cuidado dos bens alongados ao sol. Elas, ainda presas à vila pelo tempo do luto, arrendaram as terras, alindaram e modernizaram as velhas moradias, e pensaram, mais uma vez, no marido que viria, um dia, tirá-las do cativeiro aldeão. Depois, findo o luto, pensaram mais e mais nesse «Prince Charmant»... Onde encontrá-lo? Iriam a Lisboa, as praias da moda, às termas elegantes, enfim, aos lugares onde vivem ou se divertem os rapazes que a provincia envia para a cidade e nunca mais regressam à provincia. Iriam em busca dèles, já que êles tinham partido, não só de Castro Branco, mas de Ourique, de Almodóvar, de Aljustrel, de Mértola — enfim, de todo o Alentejo.

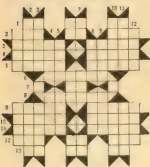
Eram dez, tôdas na roda dos trinta anos, saúdáveis, com a beleza cálida das alentejanas e a bôlsa ainda mais quente que os olhos. Os irmãos, casados em Lisboa, contrariavam-nas nos impulsos turisticos. Escreviam às irmãs, das suas moradias elegantes da capital, após o chá no Estoril ou enquanto esperavam

(Continua na pág. 18)

na Frente Oriental

APÓS MEIO ANO DE LUTA TITANICA, a frente oriental mantém-se, num panorama de ruinas e desolação, num desgaste contínuo de homens e de material de guerra. Damos hoje nesta página três aspectos característicos da luta: Em cima — Uma amostra do esfôrço quási sobrehumano que é necessário fazer para transitar nas estradas soviéticas, nestes dias de invernia. Ao centro — A ponte de Narva dinamitada pelos russos. À direita — A nova central hidroeléctrica das fábricas de Euso, no vale de Vuoksi, devastada pelas fôrças soviéticas.

VARIEDADES

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 4

HORIZONTAIS: 1 — *Irregular. Sem dúvida; Candura.* 2 — *Cascar. Fôlego; Elementos.* 3 — *Tormentoso. Basbaque.* 4 — *Atalhar. Vem.* 5 — *Gradeia com arame; Sinal ortográfico.* 6 — *Pentear-se.* 7 — *Zero; Queixa; Cifra.* 8 — *Recolhia.* 9 — *Dá um ar de riso. Retém.* 10 — *Separar; Capêlo.* 11 — *Qualquer festividade religiosa. Habitante da Alemanha.* 12 — *Pato; Bêsta muar. Grande porção.* 13 — *O; Quanto. Venus dos Assirios.*

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 3

HOZIRONTAIS: 1 — *Caracol.* 2 — *Adam; Bota.* 3 — *Rósco; Elias.* 4 — *Mal. Aro.* 5 — *Lia; Ata.* 6 — *Anima.* 7 — *Ora.* 8 — *Inata.* 9 — *Ana; Efo.* 10 — *Crê; Ita.* 11 — *Credo; Axila.* 12 — *Aiai; Atar.* 13 — *Laclara.*

VERTICAIS: 1 — *Ar; Cá.* 2 — *Dom; Cri.* 3 — *Casal; Areal.* 4 — *Amélia; Inédia.* 5 — *Anona.* 6 — *An; Ira; El.* 7 — *Anate.* 8 — *Oblata; Afixar.* 9 — *Loira; Otita.* 10 — *Tão. Ala.* 11 — *As. Ar.*

DOIS PROBLEMAS

PARA O LEITOR RESOLVER

1 — Um mendigo quere fumar cigarros, mas não os possue. Lembra-se então de apanhar pontas de cigarros lançadas ao chão, de aproveitar o tabaco nelas contido e de fazer novos cigarros para fumar. Êle sabe que, com sete pontas, pode fazer um cigarro inteiro, igual aos outros. Começa a procurar as pontas. Recolhe 49 e com elas faz novos cigarros. Fuma um em cada três quartos de hora. Quanto tempo lhe duram os que fêz com as 49 pontas?

2 — Numa sala estão quatro pessoas: um escritor, um banqueiro, um advogado e um médico. Os seus nomes (mas não pela mesma ordem) são: Pedro, João, Diogo e Luiz. Sabe-se que:

1 — Pedro e o banqueiro não connecem Diogo.

2 — João dá-se muito bem com o médico.

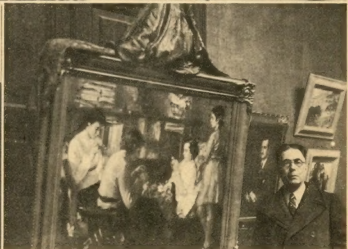
3 — Diogo é parente do advogado.

4 — O senador é muito amigo de Luiz e do médico.

Diga qual é o nome do senador, o do médico, o do banqueiro e do escritor.

Vida do PÔRTO

DURANTE AS FESTAS DA RESTAURAÇÃO NA CAPITAL DO NORTE, a «Mocidade Portuguesa» desfilou na Av. dos Aliados. A foto à direita mostra-nos a cavalaria da M. P. passando em frente à tribuna da Câmara Municipal.

O POETA PEDRO HOMEM DE MELO recitando versos seus durante a festa da Restauração efectuada no Clube Fenianos Portuenses.

O MESTRE PINTOR JOAQUIM LOPES junto dos seus quadros durante a exposição recentemente aberta e ainda patente ao público no Salão Silva Pôrto, na capital do Norte.

O MINISTRO DA ITÁLIA, SR. FRANSONI, com o sr. Cattarello, gerente da «Fiat Portuguesa», e outras individualidades na inauguração das novas instalações daquela emprêsa no Pôrto.

A PINTORA POLACA Condessa Wanda Ostrowska conversando com alguns visitantes à exposição dos seus quadros inaugurada há dias

NO INSTITUTO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO, efectuou-se: há dias, pela primeira vez, a cerimónia da entrega do armamento aos novos alunos. Na foto, vê-se o sr. coronel Ferreira de Simas, vice-presidente do Conselho Tutelar do Exército, procedendo à entrega do armamento a um dos mais novos alunos.

O SR. JACINTO DA CAMARA PESTANA, director geral das Alfândegas, foi recentemente homenageado pelos funcionários aduaneiros, por motivo da publicação da reforma dos respectivos serviços.

Dez raparigas alentejanas

POR MARIA ARCHER (Conclusão da página 14)

a hora de se entrar no baile do Aviz — cartas severas, aconselhando-lhes o apêgo ao lar e às honestas tradições do recato familiar. Porque tinham filhos, êles, e as tias solteiras do Alentejo sempre fôram a melhor fonte de receita dos sobrinhos residentes em Lisboa.

Elas, porém, haviam bebido os tempos modernos através das traduções dos romances sentimentais. A rebeldia estalou no conclave das dez primas solteiras! Logo nêsse verão, mal os hoteis das termas abriram, saíram de Castro Branco com o livro de cheques na carteira, dispostas a conhecerem a vida dos grandes centros e a encontrarem os homens que podem casar.

Passaram por Lisboa e vestiram-se à moda das provincianas ricas. Viram os teatros, os cinemas, as casas de chá, o Estoril, passeando dum lado a outro o seu grupo vistoso de dez raparigas sem homens. Eram muito olhadas, às vezes seguidas, outras mimoseadas com galanteios, o que as fazia tremer dum mêdo delicioso, embora temessem, vagamente, que os galãs desconhecidos fôssem gatunos capazes dum assalto às suas carteiras bem apertadas debaixo do braço.

Como Lisboa queimada pela canicula esmorece num canto o seu fastio, elas partiram para as termas logo que o jornal lhes deu a noticia da grande festa no Casino. Iriam à festa no Casino. Dançariam com os rapazes...

Chegaram as dez, instalaram-se no hotel a duas e duas — que é bom estar acompanhada por causa dos atrevidos e dos ladrões — e na manhã seguinte foram tôdas ao médico, para a consulta habitual.

A entrada no consultório era a um e um; elas fôram recebidas cada uma por sua vez. A primeira passou a porta, sentou-se, e respondeu ao interrogatório costumado. O médico, fatigado da clientela, mal a olhou.

— Como se chama?

— Amália Caçapo.

— Idade?

— Trinta e dois anos.

— Estado?

Solteira.

— Naturalidade?

— Castro Branco.

O médico, após o leve exame da praxe, deixou-a em paz, dando-lhe a receita para as águas. Entrou uma outra das primas. Sentou-se. Respondeu ao mesmo questionário.

— Estado?

Solteira.

— Naturalidade?

— Castro Branco.

Êle olhou para ela. Irmãs, talvez... Seguiu-se a terceira. Solteira, de Castro Branco... E a quarta: Solteira, de Castro Branco. E a quinta... O médico agora, já as fitava com interêsse. Via-as novas, bonitas, saûdáveis, vestidas ao gôsto das provincianas ricas — e tôdas solteiras, e tôdas de Castro Branco! Entrou a sexta, depois a sétima... Êle já tinha a impressão de que havia uma bicha de raparigas, tôdas novas, bonitas, ricas, solteiras, e naturais de Castro Branco, à porta do consultório. Tôdas solteiras... Mas porquê?

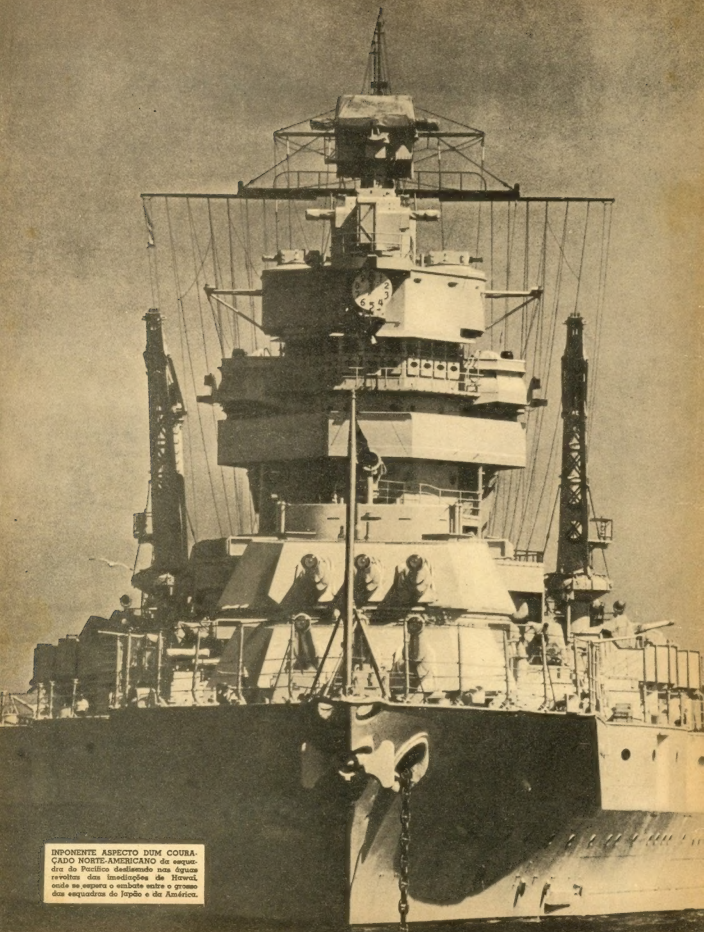
Entrou a oitava, depois a nona... Por fim a décima. O médico ennervou-se. Ela foi dizendo: «Solteira, de Castro Branco...».

Então êle, quási irritado, quási inquieto, quási espantado:

— Mas que diabo... Porque é que nessa terra não há homens?

Imagens da ITALIA na guerra

VÁRIOS ASPECTOS DA GUERRA NAS LINHAS ITALIANAS DAS VÁRIAS FRENTES DE BATALHA. Em cima: o general Messe, comandante do Corpo Expedicionário italiano na Rússia, inspeccionando uma região industrial conquistada. À direita, um «tank» inimigo destruído pelo tiro das divisões motorizadas italianas.

COMO SE FAZEM OS TRANSPORTES DOS HOMENS E DO MATERIAL ITALIANOS em duas frentes de batalha situadas a milhares de quilómetros de distância uma da outra. Em cima: Nas estradas arenosas do deserto da Líbia. À direita: Nas vias de comunicação lamacentas da Ucrânia.

INPONENTE ASPECTO DUM COURAÇADO NORTE-AMERICANO da esquadra do Pacífico deslisando nas águas revoltas das imediações de Hawai, onde se espera o embate entre o grosso das esquadras do Japão e da América.